

SEGUNDA-FEIRA, 29 OUTUBRO 2018. ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO N.º 14431. E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



TORREENSE

UM CLUBE COM FUTURO



No jogo para a Taça de Portugal com o Rio Ave, o Estádio Manuel Marques esteve a rebentar pelas costuras



REGRESSAR À LIGA

O clube, de 101 anos, fez uma aposta forte na preparação da estrutura e dos jogadores para subir escalões e regressar à principal competição

R Se há algo de que o Torreense não precisa é de apresentação. O clube tem um nome respeitado e uma história para contar no desporto nacional. O maior destaque vai para o futebol, naturalmente, dado que fez parte do convívio dos grandes durante cinco épocas nas décadas de 50 e 60 do século passado. Na época de 1955/56 chegou à final da Taça de Portugal, perdendo então com o FC Porto, no Estádio do Jamor, por 2-0.

A última vez que o emblema de Torres Vedras esteve na Campeonato Nacional da 1ª Divisão – uma das designações que a Liga já teve – foi em 1991/92. O treinador era Manuel Cajuda e no plantel pontificavam nomes como o defesa Floris, o médio Hélder Batista ou o avançado Rosário.

Voltar a ter dias de glória no

Estádio Manuel Marques é o objetivo desta nova direção, que entrou em maio em funções. É precisamente nas instalações do Estádio Manuel Marques que Mário Miranda, presidente da direção, assume que o objetivo imediato passa pela subida à Ledman LigaPro (2ª Liga).

No futuro próximo a meta é voltar à Liga principal. “O clube está pronto, juntamente com a autarquia, a ajudar a equipa sénior a subir. Queremos ter melhores infraestruturas e fazer uma boa campanha noutra divisão”, começa por explicar, prosseguindo: “Ambicionamos estar na primeira divisão. Ser um dos grandes. Temos uma equipa jovem na direção, renovada. Todos temos a ambição de levar o clube ao mais alto nível.”

Os objetivos da equipa de futebol sénior desta época passam por tentar a subida, mas o Campeonato de Portugal é “muito complicado”, são 72 equipas. “Esperamos que possa acontecer! No ano passado, o Mafra conseguiu subir. A U. Leiria, por exemplo, não perdeu nenhum jogo e não conseguiu subir. É um campeonato difícil. Não basta ter uma boa equipa e apostar muito, é preciso ter sorte e aquela estrelinha de campeão.”

Os candidatos

Vilafranquense, Sintrense e U. Leiria são crónicos candidatos, assim como o Torreense. “Há um outro outsider, mas são sobretudo estes”, diz Mário Miranda. “Há equipas que fizeram investimentos, como o Anadia, por exemplo. Existem sete equipas que fizeram investimentos grandes para subir de divisão”, acrescenta Pedro Canoa, diretor desportivo e ‘team manager’ do Torreense, juntando-se à conversa.

Pedro Canoa conta que o Torreense tem feito um investimento um pouco acima da maioria das 72 equipas, mas não é o clube que mais investiu. “Há muitas equipas do campeonato nacional que investem muito mais do que nós, ao nível de jogadores e de todas as condições que existem em torno da equipa. Porém, estamos bem posicionados, até pelo estatuto que o clube tem”, recorda. O responsável explica que o clube consegue adquirir jogadores com boa qualidade pela perspectiva de, “daqui a um ou dois anos, estarem noutra patamar e sabem que passando pelo Torreense vão ter essa possibilidade”. O ex-futebolista, que passou por Torreense, Sporting, Barreirense, e não só, acrescenta que o objetivo do clube é “potenciar jogadores da formação do clube, jovens jogadores chineses – porque há espaço para potenciar esses atletas –, jogadores desta divisão com qualidade e querer ficar nos lugares cimeiros da classificação”.

Daqui até à China

R O Torreense tem quatro atletas chineses no plantel principal, que é composto por 24 jogadores. Um dos objetivos do proprietário da SAD é pôr a jogar jovens atletas chineses no Campeonato de Portugal, refere Pedro Canoa. “Crescerem no campeonato português, o que tem acontecido. Depois saem para a primeira liga chinesa. Há também essa visibilidade do clube na Ásia: os jogadores saem do Torreense. São jovens que têm qualidade”.

Trabalho de profissionais

R O vínculo dos atletas com o clube é amador, mas estes trabalham em horário profissional. Quem o conta é Pedro Canoa. “Trabalhamos de manhã. Se for preciso, trabalhamos à tarde. Temos procedimentos profissionais – aliás, não faz sentido outra coisa: se o patamar seguinte é profissional, temos de nos preparar; não só a equipa sénior como toda a estrutura.” O diretor desportivo e ‘team manager’ reforça que, tirando um ou outro jogador que “tem um part-time à tarde, por ter essa disponibilidade, a maioria dos jogadores do plantel só tem a atividade de futebolista”.



O presidente da direção, Mário Miranda (esq.), e o diretor Pedro Canoa estão em consonância e sonham com a subida de divisão



A IMPORTÂNCIA DE SER DISTINGUIDO COMO CLUBE FORMADOR

Certificação reconhece o bom trabalho feito nos escalões mais jovens, mas obriga a reorganizar a estrutura

R O Torreense encontra-se em processo de certificação como entidade formadora pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF). As vantagens de o emblema de Torres Vedras ser distinguido como clube formador são “várias”, explica Fernando Agostinho, diretor do futebol de formação do Torreense. “A certificação ao nível das entidades formadoras é uma oportunidade para qualquer clube.” É o carimbar do selo de qualidade para o processo formativo do Torreense. “Estamos autoavaliados para 4/5 estrelas, que são os dois níveis mais altos dentro deste processo. O nosso objetivo são as quatro estrelas. Este processo traz ao Torreense a oportunidade de criar uma organização e uma estrutura sólida nas

componentes técnicas e médicas.” Prospecção, nutrição e psicologia do desporto estão contempladas.

O clube dá ainda muita importância ao acompanhamento escolar. “Por exemplo, vamos ter uma sala de estudo”, destaca, aprovei-

O CLUBE TEM 350 ATLETAS NA FORMAÇÃO DO FUTEBOL. TEM TODOS OS ESCALÕES, VÁRIOS COM MAIS DE UMA EQUIPA

tando ainda para elogiar o trabalho de marketing “da casa”, que trabalha muito bem e tem sido fundamental nesta fase da vida do clube.

A direção está a proporcionar os meios e o apoio para esta reorgani-

zação da estrutura. “Percebeu que este era o caminho”, realça Fernando Agostinho, ladeado na mesa de uma sala do Estádio Manuel Marques por Mário Miranda, presidente da direção, e Pedro Canoa, diretor desportivo. No âmbito da formação, Fernando Agostinho acrescenta que o clube quer ter as equipas de iniciados, juvenis e juniores nos campeonatos nacionais. Mas, recorda, a FPF pretende que em 2020/21 só os clubes certificados como entidades formadoras possam participar nas competições nacionais, no âmbito do licenciamento. Portanto, não há muito tempo de preparação.

As mudanças

O clube preparou-se para este processo e passou a ter um coordenador técnico geral, o professor Renato Fernandes, “transversal a toda a formação, masculina ou feminina”. Tem subcoordenadores



Fernando Agostinho, diretor do futebol de formação do Torreense

por agrupamento: futebol feminino, infantil e juvenil. “Neste último caso já existe uma proximidade às equipas seniores.” E há acompanhamento médico, liderado pelo doutor Marques Agostinho, que “é transversal ao clube e à SAD e que tem a especificação na área de Medicina Desportiva”. O departamento passou de duas pessoas para dez. Há uma área de nutrição e um gabinete de psicologia do desporto, e uma aposta forte no departamento de scouting e prospecção.

Acima de tudo, o clube quer consolidar o seu processo formativo. Pode ser “identificado com o modelo da equipa sénior, mas acima de tudo tem de estar organizado e saber qual é o perfil de jogador desta região”. O objetivo, no imediato, passa por “transformar o futebol de formação do Torreense numa referência regional”. “Dentro de dois ou três anos, é ter uma palavra na política desportiva do

futebol de formação em Portugal”, aponta Fernando Agostinho. Sobre o perfil do jogador do Oeste, Pedro Canoa dispara: “De repente, é um jogador competitivo! Um jogador que gosta de ganhar.”

ALGUMAS REFERÊNCIAS DA FORMAÇÃO DO TORREENSE

FILIPE RAMOS

HÉLDER BAPTISTA

BRUNO VAZA

NÉLSON PEREIRA

ZÉ ANTÓNIO

STEPHEN EUSTÁQUIO

Falar uma só linguagem

R Há clubes que trabalham o modelo de jogo dos seniores. As camadas jovens jogam como os seniores. No Torreense, essa possibilidade está a ser debatida. “Esse assunto é cultural, diz-me a experiência que tenho do futebol. Há culturas em que isso é fácil implementar, todos entendem o que se está a fazer, como quando se está ao mais alto nível e há mais estabilidade no âmbito da formação.

A este nível, estamos a tentar ganhar estabilidade para isso acontecer. Não na perfeição, mas uma situação aproximada, com os escalões mais acima. Ou seja: juvenis, juniores e seniores terem o mesmo padrão de jogo”, explica Pedro Canoa, o diretor desportivo.

Rui Narciso é treinador dos seniores há três épocas, pelo que está a ser trilhado o caminho da supracitada estabilidade e existe

um padrão de jogo definido. “Se o clube estiver estável e não houver grandes alterações nas equipas técnicas, é possível falar a uma só linguagem. Se não, é mais difícil. Mas o ideal seria os jogadores chegarem à equipa sénior e estarem identificados com o que se pretende. Tornaria, inclusive, mais fácil a aposta nos jogadores da formação, se bem que para tal tem de haver qualidade”, recorda Pedro Canoa.

Mário Miranda, o presidente, intervém, lembrando a aposta que a direção está a fazer nesse sentido que, todavia, ainda está recente. “O nosso recrutamento é muito à base da região. Ainda não conseguimos ir buscar jogadores a todo o país para fazer determinada função no campo, que é o que o Barcelona ou o Ajax fazem.”



Mário Miranda, presidente da direção e Pedro Canoa, diretor desportivo

Chegar aos 3.000 sócios num ano

R Está a decorrer neste momento uma campanha de angariação de sócios para o Torreense. Mário Miranda afirma que a iniciativa “não está tão bem” como desejava. “Quando começámos tínhamos 1.300 sócios. Até quarta-feira, dia 17, tínhamos 1.806.” Esta iniciativa começou há sensivelmente três meses e registou-se um aumento de 500 associados. Número insuficiente para o presidente da direção que é ambicioso: “O nosso objetivo é alto e temos de trabalhar! Tivemos alguns problemas. O programa não estava preparado para tantos sócios e teve de haver adaptação. Eu, o vice-presidente e outros membros da direção acordámos que todos os dias tínhamos de trazer pelo menos mais um sócio. E fizemo-lo. Até mais do que um! Se tivéssemos continuado a esse ritmo, hoje, tínhamos entre 2.000 e 3.000 sócios. Aliás, espero que no espaço de um ano consigamos chegar aos 3.000 sócios.”



Uma boa relação com a autarquia

R O Torreense tem uma parceria com a autarquia e estão em curso vários projetos conjuntos. Um complexo desportivo, dois campos sintéticos para ajudar com a formação, neste momento dispersa, a remodelação do Estádio Manuel Marques, estão em cima da mesa. Um dos campos de treino está previsto para setembro de 2019 e outro campo sintético em 2020. O complexo seria desenvolvido entretanto. A relação com a autarquia é “bastante boa”, refere Mário Miranda, reforçando que esta direção foi presenteadada com um autocarro que a câmara ia dispensar, mas ofereceu-o ao Torreense. ●

UM REGULAMENTO INADEQUADO



Boa gestão dos recursos do clube está em causa

R Existe no Torreense uma interiorização de padrão de jogo da equipa sénior. Há essa base. Os jovens, percebendo que o treinador da equipa sénior, Rui Narciso, é o mesmo há três temporadas, começam a perceber que já se pode fazer a transição “de juniores para seniores, a qual não é tão difícil ou está tão bloqueada como em outros anos no clube”. “E a exemplo de outros clubes. Aliás, dos clubes desta divisão nós somos dos que têm mais jogadores oriundos da formação”, afirma Pedro Canoa, o diretor desportivo, esclarecendo que existem cinco jogadores no plantel principal vindos da formação.

Neste momento, o clube está a trabalhar “conjuntamente a parte de formação e sénior para definir as transições de juniores para seniores, integração, acompanhamento e avaliação, até para a entrada na equipa B ser mais fácil”, atalha Fernando Agostinho, diretor do futebol de formação do Torreense.

Reside, porém, um problema. Uma situação regulamentar da parte da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), que coloca dificuldades ao clube pela forma como está organizado, quer com a equipa B quer com os juniores A, que estão na SAD. “Portanto: o regulamento não nos permite fazer uma melhor gestão desses recursos porque impede os jogadores que estão inscritos na SAD de

ir às equipas do clube. Como os direitos desportivos foram cedidos, isto deveria ser mais fácil e objetivo. Neste momento já estamos a preparar uma exposição à Federação para resolver este problema”, explica Fernando Agostinho.

Mário Miranda recorda que este problema atinge outros clubes e recorda o Belenenses. E o presidente da direção prossegue: “Estamos todos no Torreense. Uns são do clube; outros da SAD. Estamos aqui todos os dias sem distinções. Cada um tem as suas contas. Falamos. Trabalhamos. Na organização dos jogos que é feita pela SAD, nós ajudamos. Contribuímos com o que podemos. Fazemos tudo juntos.”

“Existe o Torreense e o objetivo

de potenciar o clube”, reforça Pedro Canoa.

A prova dessa união é o emblema ir à certificação de entidades formadoras na FPF como uma entidade única. “Não vai o Torreense clube ou Torreense SAD. Vai o Torreense. É esta a nossa marca”, destaca Fernando Agostinho.

“A Liga obriga a que haja uma SAD. Se não, não pode estar nos campeonatos profissionais. Mas depois não fez um regulamento em que as coisas sejam transversais ao clube e à SAD. Não é a questão de sermos diferentes. Acreditamos que devia haver uma regulamentação na qual os clubes e as SAD estivessem mais integradas, que as coisas fossem mais fáceis”, conclui Mário Miranda. ●

Ecletismo na prata da casa

R A atmosfera de glória desportiva do clube está bem patente na sua sala de troféus. O Torreense é um emblema da região e o ecletismo está enraizado no clube. Antes, o Torreense tinha o atletismo e o futebol. Chegou a ter, e com importância, o ciclismo. Modalidade que, aliás, está em equação de volta ao clube. No entanto, sem um patrocinador é complicado avançar com o projeto que até já existe, avisa Mário Miranda. “Há negociações, mas estão em estado embrionário e o projeto tem de ser suportado.”

O dirigente conta que o clube “aumentou bastante” o futebol

feminino. “Estamos na 2.ª Liga e no próximo ano vamos investir mais para chegar à 1.ª Liga.” Existe o futsal que começou este ano e o objetivo também é para “subir para escalões mais competitivos”. “No atletismo, temos uma campeã nacional de iniciados e juvenis. E outra campeã em juniores, nos 100 metros. Esteve, recentemente, nos Jogos Olímpicos da Juventude em Buenos Aires, a representar Portugal. Aliás, há duas ou três atletas que podem ir para o Sporting. Já fui contactado”, desvenda, acrescentando que o clube tem ainda o rãguebi e uma equipa de eSports. ●



Mário Miranda junto ao espólio do clube